PRATICANDO ESPORTE, VENCENDO NA VIDA:

Compartilhando saberes e práticas para prevenção de violência contra crianças e adolescentes

REALIZAÇÃO:

PROMUNDO

APOIO:

COMIC RELIEF

ChildHope
Inspired by children; challenging injustice

kinder not hilfe

DADOS DA INSTITUIÇÃO

IDENTIFICAÇÃO: Instituto Promundo

DIRETORA EXECUTIVA: Tatiana Moura

ENDEREÇO: Rua da Lapa, 161
Centro – Rio de Janeiro – RJ
CEP 20031-904

CNPJ: 01.959.083/0002-94

CONTATO: Tatiana Moura
t.moura@promundo.org.br

TEL. | FAX: [21] 2544.3114

ORGANIZAÇÕES E PESSOAS ENVOLVIDAS: Márcio Segundo
João Dutra
Danielle Araújo
Leonardo Brasil
Marcos Simplício
Carlos Ugarato
Miguel Gomez
Andreza Jorge
Rosangela Silveira
Dayana Sabany
Natália Barros
Projeto Forças no Esporte/CPOR
Projeto Reciclação
Associação de Moradores do Guararapes
Educap
Associação de Moradores do Escondidinho

FINANCIAMENTO: Comic Relief
ChildHope
Kinder not Hilfe

ELABORAÇÃO: Danielle Araújo
Danielle Lopes
Daniel Duque

PROJETO GRÁFICO: Mórula Oficina de Ideias

SUMÁRIO

04 Sumário executivo

05 Visão geral

06 Futebol como recurso estratégico para alcançar mudanças sociais

08 INTERVENÇÃO

12 MÉTODOS DE MONITORAMENTO

13 Principais resultados

18 Lições aprendidas

24 Recomendações: desafios e oportunidades para futuras ações

SUMÁRIO EXECUTIVO

A prática esportiva tem se consolidado como instrumento de projetos humanitários e que procuram o desenvolvimento social dos grupos beneficiários, por meio da promoção da paz, igualdade racial, de gênero e social além de contribuir para habilidades individuais. Assim também ocorre com o futebol – esporte mais praticado no mundo –, no qual a prática coletiva évalorizada, a inclusão de grupos estigmatizados ou marginalizados se torna mais fácil. O Promundo tem utilizado o esporte como uma linha estratégica para alcançar adolescentes, jovens e adultos em ações para promoção da igualdade de gênero, saúde e prevenção da violência. Deste modo, procura contribuir para a transformação das normas sociais que produzem e sustentam a desigualdade de gênero em espaços de socialização de crianças, jovens e adultos.

Inúmeros projetos sociais utilizam o esporte como uma estratégia para mudança social. No entanto, poucas intervenções destinadas a promover um comportamento mais equitativo e de prevenção de violência entre os jovens foram avaliadas. Sabe-se relativamente pouco acerca de boas práticas e estratégias relacionados ao uso do esporte como ferramenta para alcançar mudanças.

Para contribuir com a compreensão das questões que envolvem a prática esportiva e transformação social, o Instituto Promundo, com o apoio da *Kinder Not Hilfe* (KNH), do *Comic Relief* e *ChildHope*, buscou examinar a eficácia de uma intervenção destinada à transformação de normas e comportamentos por meio da prática esportiva e de oficinas educativas.

O componente esportivo com ênfase no futebol foi incluído por reconhecermos que, fazendo parte da cultura, esse esporte tem um grande potencial mobilizador de adultos, crianças, homens e mulheres e que, portanto, poderia vir a ser uma ótima oportunidade para criarmos discussões importantes sobre educação e relações baseadas na não–violência, direitos e saúde. Desse modo os resultados nessa publicação buscarão apresentar as reais contribuições da prática esportiva em iniciativas voltadas para mudanças sociais principalmente voltado para a prevenção de violência entre crianças, adolescentes e pais/responsáveis.

VISÃO GERAL

Este relatório tem por finalidade apresentar um panorama do projeto, atividades, desafios e os resultados da avaliação de impacto do projeto *Praticando Esporte, Vencendo na Vida* que buscou prevenir violência e debater questões relacionadas com o tema da equidade de gênero com crianças e adolescentes, por meio de atividades complementares de esporte, oficinas educativas (com conversas sobre gênero e direitos e aulas de reforço escolar) e campanhas comunitárias de sensibilização sobre temas pertinentes ao projeto. Implementado entre 2013 e 2015, em duas favelas localizadas nas zonas sul e norte do município do Rio de Janeiro, o projeto utilizou o futebol como estratégia de sensibilização e recrutamento de crianças e adolescentes (sexo masculino e feminino).

Os objetivos da intervenção foram focados: no fortalecimento do potencial de desenvolvimento das crianças e adolescentes, promovendo hábitos de vida saudável; na promoção ao exercício dos direitos estabelecidos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), assim como no estímulo ao protagonismo infanto-juvenil. Buscamos também reduzir vulnerabilidades e iniquidades baseadas em gênero mediante a promoção de normas equitativas de gênero e o estímulo a relações respeitosas e igualitárias entre homens e mulheres, meninos e meninas, pais/mães/responsáveis, para minimizar a incidência de violência contra crianças e adolescentes e de violência baseada em gênero nas famílias, nos relacionamentos afetivos de adultos e crianças e na comunidade.

A avaliação de impacto foi realizada por meio de questionário antes (préteste) e após (pós teste) o projeto, sendo respondido pelas crianças e adolescentes que participaram de oficinas educativas (oficinas sobre gênero e direitos e reforço escolar), prática esportiva, e campanha comunitária. A campanha tinha o objetivo de que reforçar, a nível comunitário, os debates realizados nas oficinas.

A prática esportiva e as oficinas educativas buscaram produzir uma reflexão crítica sobre como os modelos de masculinidade tradicionais impactam a violência entre meninos e homens jovens, assim como comportamentos e opiniões pouco equitativos nas relações estabelecidas entre homens e mulheres e adultos e crianças.
A avaliação de impacto da intervenção sugeriu que a combinação de prática esportiva mais oficinas educativas éuma estratégia bastante eficaz para sensibilizar crianças, adolescentes e adultos para convivência sem violência.

FUTEBOL

COMO RECURSO ESTRATÉGICO PARA ALCANÇAR MUDANÇAS SOCIAIS

O futebol se consolidou como um dos esportes mais praticados em todo o Brasil. É indiscutível a importância e o poder mobilizador dessa prática esportiva: facilidade do jogo (poucas regras), baixo custo (no jogo não-oficial somente é necessário uma bola e quaisquer objetos para servirem de gol) e a coletivização são características a seu favor.

É particularmente efetivo em engajar homens, se constituindo como um dos espaços com grande adesão por parte dos homens, onde eles interagem entre si. O esporte é um recurso facilitador na medida em que ele pode, quando bem orientado, criar um senso de unidade entre homens e mulheres, e servir como espaço para construção de estratégias para lhe dar com sentimentos como raiva, frustração e, algumas vezes, agressão. Conectando prática esportiva e educação, é possível gerenciar o jogo de futebol de maneira a criar oportunidade de reflexão e aprendizado, sendo portanto, um excelente espaço para estimular comportamentos não-violentos.

O componente do trabalho em equipe dentro do esporte, conectando meninos e meninas de diversas faixas etárias é um elemento particularmente importante. Permite a crianças e adolescentes aprenderem sobre a importância do trabalho coletivo, independentemente de sexo, orientação sexual, raça. O reconhecimento da importância de propor estratégias em jogo coletivamente aumenta as chances de os meninos respeitarem as diferenças também fora do jogo, colocando no dia-a-dia valores aprendidos em campo. Se há chance de ganhos diretos para os meninos, a prática esportiva com foco no futebol também pode acarretar ganhos para as meninas que o praticam, podendo estimular entre elas um senso de trabalho em conjunto e união, já que, historicamente, são ensinadas desde muito pequenas a ficarem restritas ao ambiente doméstico, apartadas de espaços de socialização, caso do futebol.

O futebol também pode ser capaz de elevar o nível de informação e conhecimento entre as pessoas envolvidas. As reflexões suscitadas nas quadras extrapolam “as quatro linhas”, estimulando a reflexão e as discussões sobre os temas que podem ir parar no pátio da escola, nas associações ou grupos de jovens, enfim, nos ambientes de encontro da comunidade.

O esporte também pode aparecer como um impulsionador de criação de identidade coletiva entre jovens, independentemente de sexo, raça, orientação sexual, assim como pode propiciar a formação de grupos com interesses em comum. Por outro lado, por meio da prática esportiva os participantes podem aprender a resolver conflitos sem uso da violência, aprendendo a respeitar as divergências, buscando solucioná-las por meio do diálogo. Por fim, o futebol dá as/aos jovens a oportunidade de aprenderem a lidar com situações de ‘sucesso’ e ‘fracasso’.

Intervenção

O projeto *Praticando Esporte, Vencendo na Vida* foi implementado entre 2013 e 2015, em duas[1] comunidades[2] localizadas na zona sul e na zona norte do município do Rio de Janeiro. Na comunidade da zona sul, contamos com a parceria da associação de moradores e na comunidade localizada na zona norte, fizemos parceria com um centro militar que desenvolvia ações esportivas para crianças e adolescentes.

O projeto utilizou o futebol como estratégia de sensibilização e recrutamento de mais de **300 crianças e adolescentes** (sexo masculino e feminino). Em cada comunidade acontecia por semana: duas oficinas de Matemática e Português, seguidas de duas sessões esportivas e uma oficina sobre gênero e direitos. A seguir detalhamos o desenho da intervenção para cada grupo de interesse (crianças e adolescentes, pais/mães/responsáveis, comunidades e trabalho em rede com parceiros).

CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Foram realizadas, nas duas comunidades 671 oficinas sobre gênero e direitos: 67 oficinas com 8 grupos na Comunidade 1 e 27 oficinas com 5 grupos na Comunidade 2. As oficinas educativas eram focadas na discussão sobre relações não-violentas, desigualdade social e racial, equidade de gênero, direitos sexuais e reprodutivos. Esses grandes temas foram abordados a partir de assuntos que as crianças e adolescentes traziam de fatos ocorridos com elas ou ainda a partir de noticias abordadas na mídia e redes sociais. Importante dizer que a intervenção também incluía a possibilidade das crianças e adolescentes colocarem suas pautas, possibilitando inclusão de novos temas e discussões em cada localidade, de acordo com o interesse das/os participantes, seguindo uma metodologia participativa de estímulo ao protagonismo infanto-juvenil.

As crianças e adolescentes também participavam de oficinas de Português e Matemática. Mais do que o reforço escolar, a abordagem de Português e Matemática foi inserida na vivência da/o participante. Além das aulas de Português e Matemática, na Comunidade 2, a/s/os participantes tiveram aulas de Inglês, por meio de uma parceria com uma instituição voltada para o ensino da Língua Inglesa para crianças e adolescentes moradoras de favelas. Abaixo, o detalhamento das atividades por localidade:

DISTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES[3] POR COMUNIDADE

COMUNIDADE	OFICINAS EDUCATIVAS		PRÁTICA ESPORTIVA
	PORTUGUÊS E MATEMÁTICA	GÊNERO E DIREITOS	
1	97 encontros	536 encontros	536 encontros
2	55 encontros	135 encontros	270 encontros

1. Importante dizer que o presente documento se refere aos resultados gerados a partir da avaliação de impacto em duas comunidades, mas a intervenção esteve em outras duas comunidades. Entretanto, por impedimentos objetivos, como falta de apoio das lideranças comunitárias locais e confrontos rotineiros entre traficantes de drogas e policiais, o projeto foi deslocado para outras duas comunidades, onde conseguimos realizar a intervenção completa e a avaliação de impacto.
2. Comunidade 1 se refere a Maré (Zona Norte) e comunidade 2 se refere ao Guararapes (Zona Sul).
3. O desenho da intervenção buscou ofertar a mesma quantidade de oficinas e sessões esportivas nas duas comunidades, entretanto o processo de articulação e formalização de parcerias impactou essa expectativa, acarretando em variações no número de encontros em cada comunidade.

PAIS/MÃES/RESPONSÁVEIS

As famílias também são atores fundamentais nesse tipo de intervenção se quisermos alcançar resultados sustentáveis a médio e longo prazo. O foco das atividades com as famílias era sensibilizá-las para a educação sem violência e sobre como a participação dos homens pode contribuir para uma educação equânime entre meninas e meninos. As oficinas com pais/mães/responsáveis foi focada na conscientização deles para a importância da utilização da via do diálogo e do afeto, na qual pais/mães/responsáveis e filhas/os poderiam ir desconstruindo velhos conceitos e construindo os pilares de uma educação baseada na igualdade e no respeito ao direito de crianças e adolescentes.

Após várias tentativas, conseguimos mobilizar 12 participantes inicialmente, finalizando com 20 participantes na comunidade 2[4].

Os encontros se intensificaram e a proposta inicial de um encontro mensal foi alterada para um encontro quinzenal, ocorrendo aos sábados à tarde (dia em que a maioria não estava trabalhando). Com duração de duas horas, a discussão dos temas foi mediada por profissionais do Promundo e as discussões buscavam trazer exemplos práticos sobre os impactos do uso de castigos físicos e humilhantes para a vida de seus filho(a)s, sobre a presença dos pais na vida dos filho(a)s e como a educação baseada em normas de gênero rígidas tem consequências para o desenvolvimento de meninos e meninas.

4. As rodas de conversa com os pais foram feitas apenas na comunidade 2 em decorrência da impossibilidade de ajustar a disponibilidade dos pais, geralmente aos fins de semana e ao funcionamento do espaço onde aconteciam as atividades na Comunidade 1 (estava aberto apenas durante a semana).

COMUNIDADE

Visando envolver moradoras/es que não estavam participando diretamente do projeto e a fim de promover uma transformação social a nível comunitário, o Promundo elaborou, de forma colaborativa com jovens e adultos das duas comunidades, campanhas que buscavam reforçar as mensagens discutidas nas oficinas educativas, em especial as centradas na educação sem violência e na equidade de gênero. Foram desenvolvidas três campanhas comunitárias em ambas as comunidades e elaborados materiais de comunicação distribuídos nas comunidades.

As três campanhas comunitárias implementadas foram: *Brincar Mais* (voltada para crianças entre 9 e 12 anos e seus responsáveis), *Sem Vergonha* (adolescentes de 13 a 17 anos) e *Eu acredito* (voltada para crianças adolescentes de 9 a 17 anos). Desenhadas de forma participativa com quatro grupos de crianças e adolescentes, *Brincar Mais* e *Sem Vergonha* tiveram como objetivos melhorar a comunicação entre pais/mães/responsáveis e filhas/os e prevenir vários tipos de violências contra crianças e adolescentes por parte de seus responsáveis. Por sua vez, a campanha *Eu acredito* teve como objetivo enfrentar as desigualdades de gênero e raça nas duas comunidades por meio da valorização do potencial de adolescentes e jovens, estimulando-as/os a acreditarem nas suas potencialidades e serem agentes de transformação social.

O Promundo desenvolveu ainda o guia "Educação e Esporte para a Igualdade: guia de atividades do Projeto Praticando Esporte, Vencendo na Vida" com sugestões de atividades e dicas para discutir sobre gênero, raça/etnia, coletividade e prevenção de violência por meio do esporte voltado para profissionais de Educação Física, treinadoras/es comunitários, professoras/es de Português e Matemática, facilitadoras/es de oficinas educativas, além de outros interessadas/os. O guia contém a metodologia e as atividades utilizadas ao longo desses três anos de projeto com crianças e adolescentes das duas comunidades.

Além do guia com sugestão de atividades, também produzimos um vídeo em que registramos os impactos da Intervenção a partir da fala das crianças e adolescentes participantes e outros envolvidos no Projeto (professores, facilitadores, parceiros nas comunidades)

A produção do guia e do vídeo está embasada no resultado do monitoramento e da avaliação de impacto que apontaram, dentre outras informações, quais atividades obtiveram melhores resultados e quais foram estratégicas para abordar determinados temas. Esses materiais estão disponíveis no site do Promundo: **www.promundo.org.br/recursos**.

TRABALHO EM REDE COM PARCEIROS

O trabalho em rede também se faz importante e se insere no processo de *advocacy*, isto é, de influência em políticas públicas. Ações em rede possibilitam que interliguemos ações que, quando combinadas, podem trazer mudanças em vários níveis: comunitário, regional, nacional. Desse modo, o trabalho em rede é fundamental para a efetividade do processo de transformação social e para a luta por garantia de direitos de crianças e adolescentes.

O Promundo esteve presente em diversas redes buscando influenciar formuladores de políticas e os outros tomadores de decisão, estimulando-os a levarem em consideração as necessidades e os direitos das comunidades no tocante ao direito à prática esportiva e a espaços de lazer. A instituição participa da Rede Esportes para Mudança Social (REMS) e participou de encontros organizados por ela, onde foi discutido o alcance da Lei de Incentivo Esportivo com a participação dos membros do Programa da ONU para o Desenvolvimento (PNUD), Ministério do Esporte e Senado Federal.

Além do intercâmbio de experiências com outras instituições com reconhecimento nacional na área de transformação social, Promundo também participou de eventos internacionais, no qual o Promundo disseminou experiências dessa intervenção e discutiu a metodologia de esporte para prevenção de violência e promoção de equidade de gênero com instituições com larga experiência na promoção de direitos da criança.

Métodos de Monitoramento

O projeto alcançou mais de 300 crianças e adolescentes (283 meninos e 70 meninas). A avaliação[5] foi conduzida com cerca de 120 meninos e 70 meninas e consistiu em questionários aplicados antes (pré-teste) e após (pós-teste) a intervenção, buscando saber o quanto ela foi capaz de promover mudanças de atitudes e comportamentos entre crianças e adolescentes participantes. Pais/mães/responsáveis também foram envolvidos na avaliação já que participaram de rodas de conversa.

COMUNIDADE	NUMERO TOTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES PARTICIPANTES	NUMERO TOTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES ENTREVISTADAS	NUMERO TOTAL DE PAIS PARTICIPANTES	NUMERO TOTAL DE PAIS/MÃES/RESPONSÁVEIS ENTREVISTADOS
1	186	68	Não tivemos	Não tivemos
2	59	17	20	12

5. É válido ressalvar que a avaliação não foi feita com todas as crianças e jovens participantes por uma série de fatores: alta rotatividade dos participantes impedindo a realização do pós-teste, crianças sem o consentimento formal dos pais para participarem da avaliação e mudanças dos locais onde estava sendo realizada inicialmente a intervenção.

Queríamos entender se a participação em oficinas educativas focadas em temas relacionados à educação sem violência e à equidade de gênero teve um impacto positivo nos comportamentos e nas opiniões das crianças, adolescentes e pais/mães/responsáveis.

Apesar do número reduzido de pais/mães/responsáveis participantes, consideramos que fazer avaliação da intervenção com eles era importante pela possibilidade de compreender quais estratégias usar para envolvê-los, como desenvolver ferramentas para sensibilizá-los, como ajudá-los a encontrar soluções para educação sem violência, dentre outros objetivos.

A seguir os principais achados da avaliação.

PRINCIPAIS **RESULTADOS**

MELHORIA NAS ATITUDES E NOS COMPORTAMENTOS RELACIONADOS A GÊNERO

Crianças e adolescentes demonstraram atitudes positivas e conhecimento crítico sobre violências e desigualdades baseadas em gênero. As atitudes relacionadas à igualdade de gênero melhoraram significativamente em ambas as localidades. De acordo com a Escala GEM[6], na Comunidade 1, a percentagem de meninas com alto nível de igualdade de gênero subiu de 30% para 50% e entre os meninos de 36% para 53%. Na Comunidade 2 o número daqueles demonstrando "média equidade de gênero" mais do que dobrou de 33% para 78%.

QUEDA NO NÚMERO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES REPORTANDO VIOLÊNCIA EM SUAS RELAÇÕES AFETIVAS OU DE AMIZADE

Em ambas as comunidades houve decréscimo no nível de violência reportado por crianças e adolescentes em seus relacionamentos. No início do primeiro ano, 100% dos jovens (meninos e meninas) em ambas as comunidades reportaram usar violência física e psicológica com seus colegas e/ou parceiras/os: na Comunidade 1, 90% dos meninos disseram não mais usar violência contra suas parceiras e, na Comunidade 2, esse número foi de 80%. Ao final do projeto, o número de crianças reportando violência física reduziu para 90% na Comunidade 1 entre as meninas. Atribuímos a redução menor entre as meninas pelo fato delas terem iniciado a participação na Intervenção alguns meses depois dos meninos, impactando o alcance das mudanças entre elas. Em relação a relatos de abuso emocional na Comunidade 2, tivemos uma redução de 40% na percentagem de jovens que haviam relatado ter sofrido esse tipo de violência.

REDUÇÃO DE VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Os dados da avaliação de impacto também apontam para mudanças positivas nas atitudes de pais/mães/responsáveis em relação à violência cometida por elas/es contra filhas e filhos. Na Comunidade 1, tivemos redução de violência cometida por pais/mães/responsáveis: violência psicológica (de 40% para 10% segundo a percepção das meninas e de 37% para 26% segundo a percepção dos meninos) e violência física (de 20% para 0% segundo a percepção das meninas e de 37% para 21% segundo a percepção dos meninos). Na Comunidade 2, a violência física cometida pelos pais contra as crianças caiu de 22% para 11%. Ocorreram também melhorias em relação a percepção dos familiares participantes das rodas de conversa sobre a possibilidade de educar sem violência: pais e mães relataram (nos grupos focais de avaliação de impacto) que nunca haviam partilhado com outros pais/mães/responsáveis ideias ou experiências sobre como educar sem castigos físicos ou humilhantes e como as rodas de conversa propiciaram essa possibilidade:

> "[..] percebi que meus filhos tinham medo de mim e eu não queria medo, eu queria respeito"
> [MÃE PARTICIPANTE, COMUNIDADE 2]

6. A *Gender Equitable Men Scale* é uma escala que mede atitudes e comportamento relacionados a gênero. A escala busca medir, por meio de respostas dadas a perguntas referentes a papéis atribuídos a homens e mulheres o quão equitativo em gênero são os e as respondentes: se são mais equitativos em gênero, se são mais ou menos equitativos em gênero ou se são pouco equitativos em gênero. Para saber mais, consulte: **http://promundo.org.br/recursos/measuring-gender-attitude-using-gender-equitable-men-scale-gems-in-various-socio-cultural-settings/**

A concepção de que para educar é preciso recorrer à violência é partilhada por homens e mulheres. Por isso é necessário trabalhar na desconstrução tanto com mulheres quanto com homens. A intervenção foi capaz de levar a reflexão e rediscutir com pais/mães/responsáveis sobre a possibilidade efetiva de educar sem violência e de respeitar os direitos de meninos e meninas para uma vivência saudável das suas infâncias e juventudes.

Apesar de termos alcançado melhorias nos relacionamentos entre pais/mães/responsáveis e seus filhos ser positivo, é importante adicionar uma nota de sobre os desafios em mobilizar familiares das crianças já que não conseguimos alcançar todos os pais/mães/responsáveis. Apesar disso, a intervenção parece ter gerado um feito "cascata", ou seja, conseguimos com que pais/mães/responsáveis e seus filhos participantes, levaram as mensagens sobre educação não violenta para suas casas, influenciado positivamente suas famílias, vizinhos e comunidade de modo geral.

AUMENTO DO CONHECIMENTO SOBRE DIREITOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

De maneira geral, tanto meninas quanto meninos melhoram seus conhecimentos acerca de leis e direitos que as/os protegem, entretanto, a intervenção nesse ponto teve mais impacto junto a crianças e adolescentes do gênero feminino. Ao fim do projeto, 100% das entrevistadas conheciam o Estatuto da Criança e do Adolescente, o Conselho Tutelar e leis para proteger mulheres contra violência. No início, apenas 20% das meninas estavam cientes do *Disque 100*, uma linha telefônica para denunciar violações de direitos humanos e ao final, esse número aumentou para 70%.

Já entre os participantes do sexo masculino as diferenças entre pré e pós teste foram menores mas também significativas: 100% dos meninos nas duas localidades passaram a conhecer o Conselho Tutelar; 63% deles, o Estatuto da Criança e do Adolescente (antes da intervenção esse número era de 42%) e 74% estavam cientes das leis para proteger mulheres contra violência (antes da intervenção eram 68%).

AUMENTO DO CONHECIMENTO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA PATERNIDADE E IGUALDADE DE GÊNERO ENTRE PAIS/MÃES/RESPONSÁVEIS

A avaliação das rodas de diálogo com os familiares aponta para resultados bastante positivos, principalmente em relação ao questionamento de papéis de homens e mulheres no cuidado com filhas e filhos. Antes da intervenção, 46% dos pais/mães/responsáveis concordavam que *trocar fraldas, dar banho e alimentar a criança é responsabilidade só da mãe* e, ao final esse número, caiu para 25%. A sobrecarga destinada à mulher nos afazeres domésticos e a ausência dos pais no cuidado com crianças/adolescentes e com a casa foi alvo de reflexões ao longo de vários encontros. Assim, após as atividades, os pais (homens) já conseguiam apontar para algumas normas de gênero que os impediam de exercer a paternidade e o cuidado:

> "[...] os garotos não podem brincar de boneca e, no futuro, os homens não cuidam de suas filhas e filhos" [PAI PARTICIPANTE, COMUNIDADE 2]

Os pais (homens) também passaram a questionar normas de gênero que impedem as mulheres de participarem de forma igualitária de decisões na esfera doméstica, por exemplo. Antes do projeto, 100% deles concordavam com a frase *Quando tem que tomar decisões em casa, é o homem quem deve ter a última palavra*. Ao final, esse número caiu para 57%.

AUMENTO DA SENSIBILIZAÇÃO ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES PARA IMPORTÂNCIA DA IGUALDADE GÊNERO

Inserir as meninas no projeto gerou uma grande ruptura no cotidiano de meninas e meninos acostumadas/os com essa divisão rígida entre papéis e espaços.
Essa interação acarretou impactos positivos: os meninos passaram a identificar mais claramente situações de violência sexual ou violência de gênero e exploração do trabalho doméstico feminino. Essa mudança indica uma mudança na forma como eles encaram as questões no cotidiano. Os jovens mais velhos afirmam terem parado de "*mexer com mulheres na rua*", indicando uma mudança de comportamento e atitude em relação às mulheres e ao que é ser homem.

AUMENTO DA CONSCIÊNCIA SOBRE A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO DE MENINAS EM PRÁTICAS ESPORTIVAS

Por fim, gostaríamos ainda de registrar nossa avaliação acerca da possibilidade do uso do esporte com vistas à equidade de gênero. Os dados da avaliação do projeto apontam para uma clara "tensão"entre gênero e prática esportiva. A violência como modo de se relacionar e basear comportamentos e atitudes está fortemente enraizada entre crianças e adolescentes do sexo masculino e isso desemboca também em atividades esportivas. Há violência e exclusão na prática esportiva, principalmente no futebol. O aspecto de competição faz com que os homens jovens queiram ganhar a qualquer custo, o que gera brigas, discussões, às vezes retaliações e suspensões. Como relata uma das educadoras do Promundo:

> "Os meninos têm bastantes opções de prática de esporte, desde envolvimento com projetos até a fácil organização de uma partidinha de futebol entre eles, por exemplo. O que mais dificulta é a violência entre eles mesmos, incluindo o peso das divisões por facções [do tráfico de drogas]" [EDUCADORA, COMUNIDADE 1]

Os xingamentos também reproduzem agressões homofóbicas e de gênero que corroboram a exclusão de homossexuais e mulheres naquele espaço, especialmente futebol. Quanto à participação das meninas, percebemos que os meninos as veem como incapazes de jogar futebol, afirmando que elas "não aguentam", "que são fracas", "que não sabem". Se não impedem verbalmente que elas joguem futebol com eles, criam uma atmosfera que torna a participação feminina inviável, deixando que várias delas sequer se sintam à vontade para propor jogar junto com eles. Além de trabalhar essas questões presentes nos xingamentos e nas exclusões de determinados grupos considerados mais fracos ou inferiores, buscamos minimizar os impactos do caráter competitivo, próprio da cultura esportiva, e valorizar aspectos de colaboração e empoderamento dos grupos considerados menos capazes – meninas e gays. Nossa experiência mostra que a prática esportiva pode ser um espaço para reflexão de comportamentos violentos e da 'exacerbação' de um certo de tipo de masculinidade que, além de violenta, não é equitativa em gênero.

LIÇÕES **APRENDIDAS**

INSERÇÃO NAS COMUNIDADES: MOBILIZAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA

O Promundo é uma organização não governamental que desenvolve metodologias e materiais a partir de intervenções monitoradas e avaliadas. Nosso intuito com a produção de metodologias é contribuir para o trabalho de profissionais de diversas áreas, lideranças comunitárias e quaisquer pessoas que estejam interessadas em promover masculinidades não-violentas e equidade de gênero.

A instituição não possui sede em comunidades nem atua sempre na mesma comunidade, mas procura realizar as intervenções em diversos locais, buscando alcançar diversos públicos e perfis. No projeto *Praticando Esporte, Vencendo na Vida*, elaboramos um desenho de implementação com o objetivo de executá-lo em áreas onde o Promundo não possuía longo relacionamento com as comunidades, com o objetivo de testar se a metodologia proposta poderia ser replicada em comunidades que não haviam sido sensibilizadas pela abordagem de gênero em intervenções anteriores.

Se, por um lado, essa escolha permite que abarquemos certa diversidade entre as/os participantes das nossas intervenções e pesquisas e testemos o alcance de nossas metodologias, por outro, nos coloca um desafio: mobilizar pessoas. Tal dificuldade também se fez sentir nesse projeto. Iniciamos as atividades em duas comunidades antes de chegarmos até as duas comunidades que receberam a intervenção completa.

Enfrentamos, ao longo do desenvolvimento das ações, grande rotatividade de participantes, falta de apoio de lideranças locais e indiferença por parte dos moradores das comunidades iniciais. A falta de apoio de lideranças e moradores esteve muito atrelada ao fato de sermos uma organização governamental sem base comunitária e isso implica dizer que nossa intervenção tinha um prazo condicionado pelo financiamento. E os lideres e moradores desejam programas que não sejam provisórios para que possam oferecer ininterruptamente atividades para os moradores daqueles locais. Assim, avaliamos que é preciso sempre restabelecer rotineiramente o ciclo de confiança com os envolvidos, avaliar as parcerias a serem estabelecidas com as lideranças, procurar construir com elas o passo-a-passo da intervenção e, principalmente buscar estratégias de sustentabilidade da intervenção a longo prazo, seja por meio de parcerias privadas ou com órgãos públicos.

Ligado a isso, há o envolvimento de profissionais de Educação Física das próprias comunidades. Apesar de profissionais de outras localidades também poderem contribuir para a mudança, é possível perceber que a construção de vínculo e confiança, fundamental para a formação do grupo e das reflexões, é mais rapidamente atingida com as/os profissionais que vivem nas comunidades de interesse. Essa rapidez pode ser explicada pelo possível desejo dos educadores físicos (moradores) promover mudanças no seu local de moradia.

As parcerias são fundamentais para a execução das ações propostas pelo Promundo e por isso mesmo também impactam em nossas ações. No caso da presente intervenção, a parceria feita com uma instituição militar rendeu resultados positivos: o número de crianças e adolescentes participantes na Comunidade 1 excedeu as expectativas e a frequência foi constante. Contudo, o *modus operandi* baseado no controle e na disciplina lançou mais um desafio ao trabalho: como sensibilizar nossos parceiros para que não reforçassem normas negativas de gênero e também não reproduzissem práticas educativas baseadas no uso da violência? Em resposta a isso, o Promundo reforçou com os parceiros a discussão de sua Política de Proteção à Infância (PPI) e produziu um guia (disponível em **www.promundo.org.br/recursos**) para que parceiros atuais e futuros possam compreender a importância da discussão sobre gênero e da educação sem violência. Além disso, elaboramos um currículo que foi utilizado na capacitação com nossos parceiros antes do início da intervenção. A capacitação foi um pré-requisito no processo de estabelecimento de parcerias formais nessa intervenção e continuará sendo, tendo em vista que constatamos que esse é um elemento estratégico para alcançarmos os objetivos da Intervenção com todos os envolvidos (diretos e indiretos).

INFRAESTRUTURA PARA A INTERVENÇÃO

Como dito no tópico anterior, o Promundo não possui instalações comunitárias, estabelecendo parcerias locais para realização de quaisquer tipos de intervenção. Isso implica dizer que contamos com a infraestrutura já existente nas comunidades o que traz impactos para o projeto, principalmente quando incluímos a prática esportiva. A situação das instalações esportivas no Rio de Janeiro é preocupante: são poucas as quadras esportivas nas comunidades pobres e as que existem geralmente se encontram sem atividades frequentes (apenas os jogos de futebol para adultos), não há uma oferta sistematizada de atividades esportivas (as ações são muitas vezes sazonais), há ausência do Estado e de políticas públicas voltadas para o estímulo ao esporte, quadras com difícil acesso, utilização dos espaços para uso de drogas (lícitas e ilícitas), entre outras questões.

A qualidade do espaço onde ocorre a prática esportiva foi um elemento de grande importância ao longo da intervenção. Na Comunidade 1, devido a boa infraestrutura da quadra (instalada dentro de um quartel militar) com banheiros e bebedouros, as atividades corriam conforme o planejado. Entretanto, na Comunidade 2, o fato de a quadra ser descoberta, causava a suspensão das atividades esportivas nos dias de chuva e em alguns dias de excessivo calor.

Inicialmente, o Promundo não tinha planejado reformas ou melhorias nos espaços destinados à prática esportiva, mas tivemos que incluir essas melhorias durante a execução do projeto, o que teve uma resposta imediata, gerando impacto positivo em relação ao acesso e à qualidade das atividades ofertadas na quadra da Comunidade 2.

PARTICIPAÇÃO DAS MENINAS

O envolvimento de meninas no esporte, principalmente no futebol é crítico e exige persistência na mobilização. Em função disso, o Promundo conduziu uma investigação sobre causas fundamentais dessas dificuldades, realizando entrevistas com meninas de idade entre 12-18 anos (que participaram ou não das atividades esportivas) e seus pais/mães/responsáveis.

O resultado da pesquisa com os familiares indicou que eles, no geral, regem seus comportamentos a partir de normas desiguais de gênero e, sob o pretexto da proteção das meninas, as impedem de frequentar espaços públicos. Tal questão agiu como uma barreira ao envolvimento delas em nosso projeto e apenas quando essas preocupações foram identificadas e trabalhadas nos grupos com familiares as meninas começaram a participar.

Outro destaque nas falas das famílias foi o corrente relato de que a comunidade não seria um 'espaço seguro'. Consequentemente, a possibilidade de saída das meninas do espaço de casa era apenas ao momento de ida à escola e no resto do tempo livre, elas cumpriam afazeres domésticos.

Como resultado das rodas de conversa, o medo dos familiares foi aliviado quando garantimos que um membro da equipe do Promundo passaria a acompanhar as meninas no trajeto de casa ao campo esportivo para que garantíssemos a segurança reivindicada pelos pais/mães/responsáveis delas. Ao longo das rodas de conversas com as famílias percebemos que o 'espaço seguro' por vezes queria dizer espaço onde haveria risco das meninas se envolverem com rapazes e engravidarem. Importante ressalvar a dubiedade do fator segurança: ao mesmo tempo em que os familiares fazem uso da *insegurança* para ocultar atitudes desiguais relacionadas a gênero e esporte, impedindo o acesso das meninas a espaços coletivos, por outro lado é importante dizer que em comunidades com presença do tráfico de drogas, alguns espaços como quadras e campo de futebol acabam se tornando pontos de encontros de pessoas ligadas ao tráfico, limitando o uso daqueles lugares por parte de outros moradores que não estão ligados aquele tipo de atividade ilícita.

Ainda quanto a esse aspecto, a pesquisa apontou que há concepções diferentes sobre meninas e esporte e meninos e esporte: para as meninas, os familiares não valorizam particularmente o esporte e, sim, a educação elementar. Assim o envolvimento das meninas no projeto só aconteceu porque além da prática esportiva, elas estariam também participando das atividades de Português e Matemática.

Enquanto meninos são incentivados a jogarem especialmente o futebol desde muito jovens, as meninas não recebem o mesmo incentivo para praticar qualquer tipo de esporte, mas menos ainda para o futebol. Um dos impactos mencionados é o desinteresse das meninas pela prática esportiva e principalmente pelo futebol. A falta de incentivo na infância faz com que haja um desnível de habilidade na chegada da adolescência entre meninos e meninas, o que acaba dificultando ainda mais a prática de esporte pelos dois gêneros juntos.

Há uma clara divisão de papéis e expectativas em relação a meninos e meninas. Quando as meninas chegam à adolescência, são consideradas muito grandes pra "brincar", leia-se praticar atividade esportiva, e são identificadas como "mocinhas"e devem se comportar com tal. Uma menina moradora da Comunidade 2 e não participante da intervenção relatou:

> "Agora preciso me arrumar, arrumar para conseguir namoro e não ser 'moleque macho' que vai ficar jogando bola na rua".
> [MENINA, NÃO PARTICIPANTE, 14 ANOS DE IDADE]

Os resultados da pesquisa apontaram a necessidade e importância do trabalho com pais/mães/responsáveis, pois percebemos que o estímulo dos familiares à participação das meninas na intervenção só passou a ser expressivo quando começaram a participar das rodas de diálogo e foram sensibilizadas/os para a importância da igualdade entre meninos e meninas, inclusive sobre o uso do tempo para o lazer.

ENGAJAMENTO DOS PAIS/MÃES/ RESPONSÁVEIS

O envolvimento de pais/mães/responsáveis nesse tipo de intervenção é um desafio por diversos motivos: falta de confiança dos pais/mães/responsáveis nos executores da intervenção, falta de tempo dos familiares (estão trabalhando grande parte do dia), falta de credibilidade em projetos liderados por organizações não governamentais (por serem sazonais, por não terem base comunitária, dentre outros).

Engajar pais, mães e cuidadoras/es nesse tipo de intervenção, o que é também essencial para o seu sucesso, exige planejamento, esforço permanente de mobilização e apoio das lideranças locais. É preciso estar atento às demandas dos pais/mães/responsáveis para que seja possível a elaboração de estratégias eficazes de trabalho com esse grupo, construindo ações pautadas na realidade local e nos seus anseios, além, como dito acima, trabalhar com pais/mães/responsáveis contribui decisivamente para a inserção das meninas nas atividades.

METODOLOGIA E CONTEÚDO DAS OFICINAS

Quanto à dinâmica das oficinas, que utilizaram o currículo e metodologias desenvolvidas pelo Promundo em parceria com outras instituições (Programa H e Programa M[7]), funcionaram com mais eficácia as atividades que contextualizavam as discussões de acordo com a realidade local. As reflexões mais abstratas sobre as construções de gênero surtiam resultados mais para saber o que as/os jovens pensavam a respeito dos temas. O tempo em que crianças e adolescentes conseguem ficar atentos à atividade é curto e as oficinas, portanto, foram planejadas levando em conta esse aspecto. Tudo aquilo que provocava a participação, o estímulo ao uso do corpo em atividades lúdicas, que estimulassem o raciocínio rápido e vivências de situações sobre os temas trabalhados de forma concreta foram mais funcionais.

O currículo a ser trabalhado com crianças e adolescentes precisou também dedicar mais tempo para reflexão sobre outro tipo de desigualdade: aquela baseada na cor/raça. O racismo não havia sido identificado como um tema-chave até então. Porém, ao longo da execução das oficinas, as/os participantes constantemente traziam situações de racismo vividas por elas/eles ou por amigos seus. O racismo é raramente discutido já que parte da sociedade brasileira acredita que o Brasil é um país que convive bem com a diversidade racial. A realidade das crianças na favela, porém, nos diz outra coisa pois elas continuam encarando diariamente o preconceito racial sobre sua aparência e sua cultura e por isso surgiu com força nas atividades do projeto o tema da desigualdade racial.

7. Os Programa H e M foram desenvolvidos para envolver jovens em uma reflexão crítica do sexo e ajudá-los a desenvolver habilidades para agir de forma mais equitativa. Para saber mais: **http://promundo.org.br/programas/programa-m/**

Como resultado desse trabalho, o combate ao racismo tornou-se um tema-chave em uma das campanhas comunitárias elaborada com a participação de crianças e adolescentes: *Eu acredito*. O tema foi abordado a partir dos *slogans*"Eu acredito em um mundo livre de racismo"e "Eu acredito no valor da cultura negra".

Um último aspecto importante que a avaliação nos trouxe foi em relação ao objetivo das oficinas e da prática esportiva: as oficinas eram voltadas para discussão sobre os temas e a prática esportiva, voltada para proporcionar aos garotos e as garotas atividades motoras. Entretanto, percebemos, ao longo da intervenção, que ambas precisavam estar mais conectadas. O planejamento das atividades, tanto das oficinas como da prática esportiva, precisava dialogar para que os temas se fizessem presentes em todos os componentes do projeto. Apenas desse modo, o alcance da intervenção se efetiva.

PROFESSORAS/ES E TREINADORAS/ES SENSIBILIZADAS/OS SOBRE O OBJETIVO FINAL DA INTERVENÇÃO

Outro componente fundamental que percebemos ao longo da execução do projeto foi a necessidade de educadores/as físicos/as e treinadoras/es serem capacitadas/os na metodologia a ser desenvolvida. Essa capacitação possibilita que eles/elas compreendam o real objetivo de intervenções como essa, que não tem como prioridade formar e lançar atletas, mas aproveitar a oportunidade que o espaço da prática esportiva oferece para o desenvolvimento social das/os participantes. Somente com professoras/es e treinadoras/es devidamente capacitadas/os é que as discussões suscitadas nas oficinas podem ser retomadas e gerenciadas no campo de jogo, promovendo reflexões também naquele espaço. Sem isso, o real potencial dos esportes tem a tendência de se manter inexplorado.

Professoras/es que dialoguem e exercitem a capacidade de escuta de crianças e adolescentes também impactam positivamente a execução do projeto. Assim, é importante também ter professoras/es e treinadoras/es que ouçam e tratem as crianças com respeito e cuidado. Além da importância de ouvi-las, os temas ao que gerarem um pouco de timidez, provocam a exposição de opiniões pessoais e, em alguns momentos podem trazer a tona de relatos de vivências dolorosas, exigindo do profissional uma postura ética condizente com os direitos daqueles sujeitos. Primeiramente, essa postura da escuta e do diálogo foi confusa para crianças e adolescentes, por não entenderem que a autoridade poderia ser exercida sem o uso da violência. As/os jovens, em um dado momento, questionaram:

> "Mas todos gritam conosco. Se você não gritar, xingar e tentar assustar a gente, por que temos que fazer o que você diz?" [CRIANÇA DE 10 ANOS, COMUNIDADE 2]

Com o tempo, crianças e adolescentes aprenderam que a educação sem violência é possível e é um direito. Entretanto, é importante dizer que esse tipo de mudança requer apoio e paciência das/os e profissionais envolvidas/os e também envolvimento de pais/mães/responsáveis e outros adultos-chave nesse processo de transformação.

RECOMENDAÇÕES

DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA FUTURAS AÇÕES

As conclusões da avaliação sugerem que as intervenções com oficinas educativas baseadas na promoção de educação sem violência e pela igualdade entre homens e mulheres podem influenciar de maneira positiva atitudes e comportamentos das/os participantes e resultar em relacionamentos mais saudáveis. Entretanto, é preciso ter em conta alguns pontos que discutimos a seguir:

- O engajamento das famílias é um fator fundamental para aumentar o alcance e as mudanças pretendidas pela intervenção. Assim, além de atividades específicas voltadas para pais e mães, é importante intensificar atividades nas quais mostramos a elas/eles os 'trabalhos' realizados pelas/os filhas/os (músicas, poesias, textos, vídeos, desenhos), seja em relação ao esporte, oficinas ou demais atividades. Esse tipo de estratégia, além de ajudar as crianças e adolescentes a perceberem seus avanços em relação aos temas discutidos e atividade propostas, envolve e aproxima pais e mães de filhas/os;

- Os resultados da avaliação de impacto indicam que a prática esportiva é um espaço oportuno capaz de contribuir para a promoção de relacionamentos saudáveis entre crianças, adolescentes, jovens e seus pares com diversos perfis, isto é, independentemente de gênero, faixa etária ou escolaridade.

- Sobre a participação de crianças e adolescentes matriculadas ou não na escola, gostaríamos de frisar outro achado relacionado a esse ponto: é fundamental que intervenções voltadas para transformação social com vistas ao desenvolvimento de crianças e adolescentes não coloquem nenhum tipo de pré-requisito escolar para a participação. Muitas organizações e escolas que desenvolvem projetos junto a esse público colocam a frequência escolar como uma condição para participação, o que implica dizer que deixam de fora crianças e adolescentes que se encontram em condições de vulnerabilidades alarmantes e que, portanto, deveriam ser a prioridade nesse tipo de intervenção com vistas a reinseri-las em ambientes de vivência de seus direitos, incluindo a escola. Pensando nisso, esse projeto buscou engajar todas as crianças e adolescentes, independentemente de estarem na escola. Essa escolha significou a participação de várias crianças, que mesmo fora da escola, puderam se envolver e estiveram ativamente engajadas em todas as atividades educativas. Como resultado, algumas delas voltaram frequentar a escola;

- A inadequação da oferta de espaços para a prática esportiva ou para qualquer tipo de vivência em grupos por jovens nas comunidades pobres do Rio de Janeiro é um desrespeito ao direito delas a terem espaços para convivência saudável. Enfrentamos grandes desafios para a implementação da intervenção relacionados a esse aspecto. É preciso pensar em estratégias que contornem e mudem essa situação. Uma via é a possibilidade de prever rubricas em propostas de financiamento para melhoria das instalações a serem usadas. Entretanto, a fim de alcançar estratégias sustentáveis, é fundamental investir no trabalho de *advocacy* junto aos governos pela oferta de espaços de lazer. Assim, ações voltadas para influenciar políticas públicas devem ser incluídas em intervenções que busquem transformação social para as mudanças sejam duradouras e efetivas.

- Por fim constatamos que a criação de espaços de reflexão sobre a existência de normas relacionadas a gênero e de que forma elas impactam na vida de meninos e meninas, homens e mulheres se faz vital em qualquer intervenção que vise o desenvolvimento pleno das capacidades daqueles sujeitos.
A intervenção apontou para urgência de ações, programas e políticas que busquem construir mais igualdade entre os gêneros e para isso é necessário sensibilizar a sociedade sobre esse tema e a importância dele para as suas vidas.

REALIZAÇÃO:

APOIO:

COMIC RELIEF

ChildHope
Inspired by children; challenging injustice

kinder not hilfe